

# CULTURA IMPRESSA NO PERÍODO MODERNO: DEBATES E POSSIBILIDADES (XV-XVIII)

*Kelly Caroline Appelt<sup>1</sup>*

*Livia Bernardes Roberge<sup>2</sup>*

O advento da disseminação dos impressos no contexto europeu ao longo da primeira modernidade (XV-XVIII), fenômeno que teve na introdução e popularização da prensa de Gutenberg seu estopim, ocasionou mudanças significativas nessas sociedades, influenciando a maneira como os indivíduos passaram a perceber suas realidades. Não só houve um paulatino aumento no fluxo de textos impressos, como também em seus formatos, naturezas, formas de consumo, circulação e comercialização. Fatores como barateamento e aceleração de produção permitiram que, além de palavras, imagens impressas alcançassem um público cada vez mais amplo e variado. Assim, a chamada “cultura impressa” pode ser compreendida justamente a partir da articulação entre a comunicação, a transmissão e a produção de materiais impressos com as experiências, condutas e práticas vividas pelos agentes em suas realidades. A cultura impressa engloba, portanto, as práticas coletivas que conferem autoridade à impressão (CHARTIER, 2014) e aos materiais derivados dela.

Os impressos ditos de natureza “efêmera”, ou seja, produzidos não necessariamente com a intenção de resistir às intempéries do tempo (como era o caso dos livros), mas sim objetivando consumo e disseminação rápidos, desfrutaram de um grande e novo poder de alcance. Folhetos, bilhetes, *canards*, panfletos, cartazes, *broad-sides* e baladas compartilhavam, em geral, as características de serem pequenos, leves – ou seja, frágeis –, e de um custo de produção e comercialização relativamente baixos. A prática da leitura em voz alta, ainda persistente no período, e a forma como eram comercializados pelos mascates tornava possível a esses impressos cruzarem, muitas vezes, as barreiras do letramento e da erudição.

<sup>1</sup> Doutoranda em História na Universidade Federal de Minas Gerais com período sanduíche na Université Paris Nanterre. Bolsista CAPES. Também foi bolsista visitante na Herzog August Bibliothek. E-mail: kellyappelt@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em História na Universidade Federal de Minas Gerais com período sanduíche na Universidade de Sheffield. Bolsista CAPES. Academic in Residence no Museu de Elmbridge. E-mail: liv.roberge@gmail.com

Conforme pontua o historiador Roger Chartier (2004; 2014), a produção em massa desses materiais, com seu poder de disseminação de informações, promoveu verdadeiras transformações culturais e sociais para a época, permitindo a emergência de novos públicos leitores, de novos ofícios, de meios de divulgação pública de conhecimentos, alterando as práticas administrativas e comerciais, apenas para citar alguns exemplos.

Por outro lado, os livros também se adaptaram às inovações trazidas pela prensa, e os textos veiculados por eles adquiriram outras formas de serem materialmente inscritos e contaram com a inclusão de novos elementos (SORDET, 2021), como as partes textuais introdutórias das obras, os chamados paratextos e peritextos (GENETTE, 2009), ou ainda a prática de reunir obras de um só escritor em um livro, por exemplo. Essas modificações tiveram o potencial de alterar significativamente as relações estabelecidas entre os leitores e os materiais escritos, representando assim um dos aspectos marcantes e constituintes desse contexto de ampliação e publicização dos objetos impressos durante o período moderno.

No âmbito da academia brasileira, algumas historiadoras e historiadores vêm conduzindo pesquisas de extrema relevância, que colocam em evidência a importância de nos voltarmos aos impressos para compreendermos os mais diversos contextos que permeiam a primeira modernidade. André de Melo Araújo (2020; 2021) trata da cultura da impressão na Europa moderna, Silvia Liebel (2013; 2017) conduz investigações sobre a literatura de rua francesa, Ana Paula Megiani (2006; 2019) se detém sobre a Península Ibérica e Andréa Doré (2017; 2020) se volta para o estudo das cosmografias Renascentistas e da cartografia moderna. Há, portanto, antecedentes bem estabelecidos na historiografia brasileira que colocam em evidência o poder e a riqueza das fontes impressas para a condução de pesquisas sobre a primeira modernidade.

Nesse sentido, o presente dossiê “Cultura impressa no período moderno: debates e possibilidades (XV-XVIII)” busca explorar a importância dos impressos e suas práticas em diferentes contextos durante a Época Moderna, contribuindo para o avanço de investigações sobre a temática. Da América sob domínio português e espanhol à Europa continental, os impressos nos revelam conexões e interações transatlânticas onde diferentes agentes e instituições comunicaram, propuseram, representaram e difundiram as mais variadas ideias.

Tendo como *corpus* os impressos produzidos durante o período moderno, os cinco artigos que compõem este dossiê percorrem caminhos de reflexão que trazem à tona os poderes do texto (CHARTIER, 2014). Cada artigo, à sua maneira, identifica a

capacidade de disseminação, de veiculação da expressão humana, apresentando-se, em vários momentos, como uma alternativa de reivindicação para exposição de ideais e como um disseminador de saberes e conhecimentos dos agentes.

Em *Las Casas além dos pirineus: circulação e disputas políticas nas traduções da Brevíssima relación de la destrucción de las Indias e outros escritos lascasistas*, Gabriel Cardoso Bom traça um panorama da circulação e das traduções da obra *Brevíssima relación de la destrucción de las Indias* (1552) de Bartolomé de Las Casas, durante o final do século XVI e o século XVII, em espaços europeus para além da Espanha. Ao acompanhar a difusão e a repercussão que a obra teve em suas diferentes edições e traduções, o autor observa como os textos obtiveram diferentes versões conforme a região em que eram preparados, carregando mensagens a respeito da colonização, como é ilustrativa a versão francesa de Jacques Miggrode, que passou a vincular os textos de Las Casas a ideais antipapistas e antihispanicos, ou ainda a versão latina, que contém as gravuras de Theodor de Bry, cujas representações apontam o processo de “conquista” perpassado pela América durante os séculos XVI e XVII. Sendo assim, Bom obtém êxito em demonstrar como diferentes edições da obra de Las Casas refletiram narrativas e ideais singulares acerca do processo de colonização das Américas, servindo a objetivos e dinâmicas específicas em diferentes localidades, revelando, conseqüentemente, as relações e tensões políticas vividas entre a coroa espanhola e seus pares.

Compartilhando do mesmo foco no poder simbólico dos impressos e suas representações, no artigo intitulado *Pela boca de Cipião: os argumentos de Cícero na publicística de Portugal restaurado (1641-1645)*, Rodrigo Franco da Costa verifica como as ideias do filósofo romano e cônsul Cícero se fizeram presentes nos debates políticos durante o contexto da restauração portuguesa. Integrando um movimento de pesquisas recentes, que buscam identificar a efetiva participação dos agentes portugueses e da população, o autor explora a dimensão do poder político dos escritos em sua capacidade de mobilização de opiniões coletivas, em uma disputa travada por meio de armas e palavras.

Voltando-se aos séculos XVI e XVII, Brenda Yasmin Degger, no artigo *Em busca da linguagem universal: os livros de emblemas nos séculos XVI e XVII*, discute o uso de livros de emblemas do Renascimento como fontes históricas, evidenciando seu valor enquanto fontes que articulam texto e imagem, permitindo reflexões sobre a imagética do período da primeira modernidade. Sua reflexão abrange o modo como esses livros foram estudados pela historiografia a partir do século XIX, além de fornecer

indicações teóricas e metodológicas sobre as perspectivas de estudos que se abrem ao tomar os livros de emblemas como *corpus*.

Outro artigo que também faz uso de fontes imagéticas é *Colombia Prima: as relações entre cultura impressa e os interesses diplomáticos portugueses no final do século XVIII*, em que Carmem Marques Rodrigues investiga a colaboração existente entre o português Luís Pinto de Sousa Coutinho, Visconde de Balsemão, com o geógrafo inglês William Faden. O visconde teria fornecido uma variedade de mapas representando o território brasileiro para o geógrafo, cujo objetivo maior consistiu em influenciar a ilustração da América Portuguesa representada no mapa *Colombia Prima or South America* (1807), cuja publicação foi feita por Faden. A reflexão proposta por Rodrigues adentra a cartografia da primeira modernidade, domínio que experimentou um desenvolvimento significativo a partir da emergência de novas técnicas de representação e inscrição de texto e imagem em conexão com a cultura impressa. A autora demonstra que interesses econômicos, sociais e políticos influenciavam a produção cartográfica da época, apontando como em *Colombia Prima* buscava-se, por exemplo, disseminar certa ideia de territorialidade portuguesa no ultramar que projetava uma sombra sobre uma América espanhola decadente no século XVIII.

Por fim, no último texto a compor o dossiê, *A imprensa ausente na América Portuguesa: notas para uma revisão historiográfica sobre a censura no Antigo Regime*, Jerônimo Duque Estrada de Barros traz uma reflexão sobre um tema pouco explorado pela historiografia brasileira, que diz respeito à ausência de oficinas tipográficas na América portuguesa, e sua relação com a instrumentalização da censura por Portugal. Para isso, o autor apresenta uma revisão historiográfica atualizada sobre as motivações e configurações da censura lusitana, bem como de seu impacto no ultramar, distanciando-se de uma narrativa de perseguição a uma suposta liberdade de expressão de cunho iluminista e liberal, em prol de uma ênfase na manutenção das hierarquias existentes entre colônia e metrópole.

Pode-se observar como todos os estudos apontam as diversas interações que os agentes tiveram com os impressos e como eles suscitaram transformações e/ou serviram como meios de relatar as mudanças da época. Além disso, as fontes estudadas, assim como as questões que foram debatidas nos artigos, indicam como existem novos caminhos e perspectivas de análises para serem percorridos pela historiografia brasileira no que tange o período da Época Moderna e a cultura impressa.

Por fim, voltarmos-nos aos impressos da Época Moderna é um movimento carregado de potencialidades para o questionamento, aprofundamento, e investigação de

temáticas que seguem permeando as sociedades ainda hoje, no tempo presente. Enquanto lutamos para fazer sentido de um mundo virado de ponta-cabeça pelo advento da comunicação digital, cada vez mais imediatista, e carregado de suas próprias dúvidas, mazelas e qualidades, indagar-nos sobre os impactos que os impressos tiveram nos mais diversos âmbitos da vida dos modernos traz a possibilidade de ajudar a nos guiar sobre as perguntas que devemos fazer, os cuidados que devemos tomar e os caminhos que devemos seguir ao desbravarmos o mundo digital e refletirmos sobre nossas próprias práticas. Desejamos uma boa leitura!

#### Referências

- ARAÚJO, André de Melo. O conhecimento impresso: práticas editoriais e estratégias comerciais nos manuais de impressão da Época Moderna. *Varia História*, v. 36, n. 79, p. 53-90, 2020.
- ARAÚJO, André de Melo. O artefato impresso na Época Moderna: forma e materialidade dos produtos da prensa manual preservados no acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 29, p. 1-51, 2021.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Unesp, 2004.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014.
- DORÉ, Andréa. *Cartografia da promessa*. Potosí e o Brasil em um continente chamado Peruana, São Paulo: Intermeios, 2020.
- DORÉ, Andréa. Vendre le monde: les préfaces des cosmographies à la Renaissance. *Margini: Giornale della dedica e altro*, n. 11, p. 3-16, 2017.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- LIEBEL, Silvia. Os canards e a literatura de rua na França moderna (séculos XVI e XVII). In: RODRIGUES, Rogério Rosa (Org.). *Possibilidades de pesquisa em História*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 17-30.
- LIEBEL, Silvia. *Les Médées modernes*. La cruauté féminine d'après les canards imprimés (1574-1651). Rennes: Presse Universitaires de Rennes, 2013.
- MEGANI, Ana Paula. "Imprimir, regular, negociar: elementos para o estudo da relação entre coroa, santo ofício e impressores no mundo português (1500-1640)". In: *Anais de História do Além-Mar VII*. CHAM – Universidade Nova de Lisboa, 2006. p. 231-250.
- MEGANI, Ana Paula. Escritos breves para circular. Relações, notícias e avisos durante a Alta Idade Moderna (sécs. XV-XVII). *Varia Historia*, v. 35, n. 68, p. 535-563, 2019.

SORDET, Yann. *Histoire du livre et de l'édition. Production & circulation, formes & mutations*. Paris: Albin Michel, 2021.